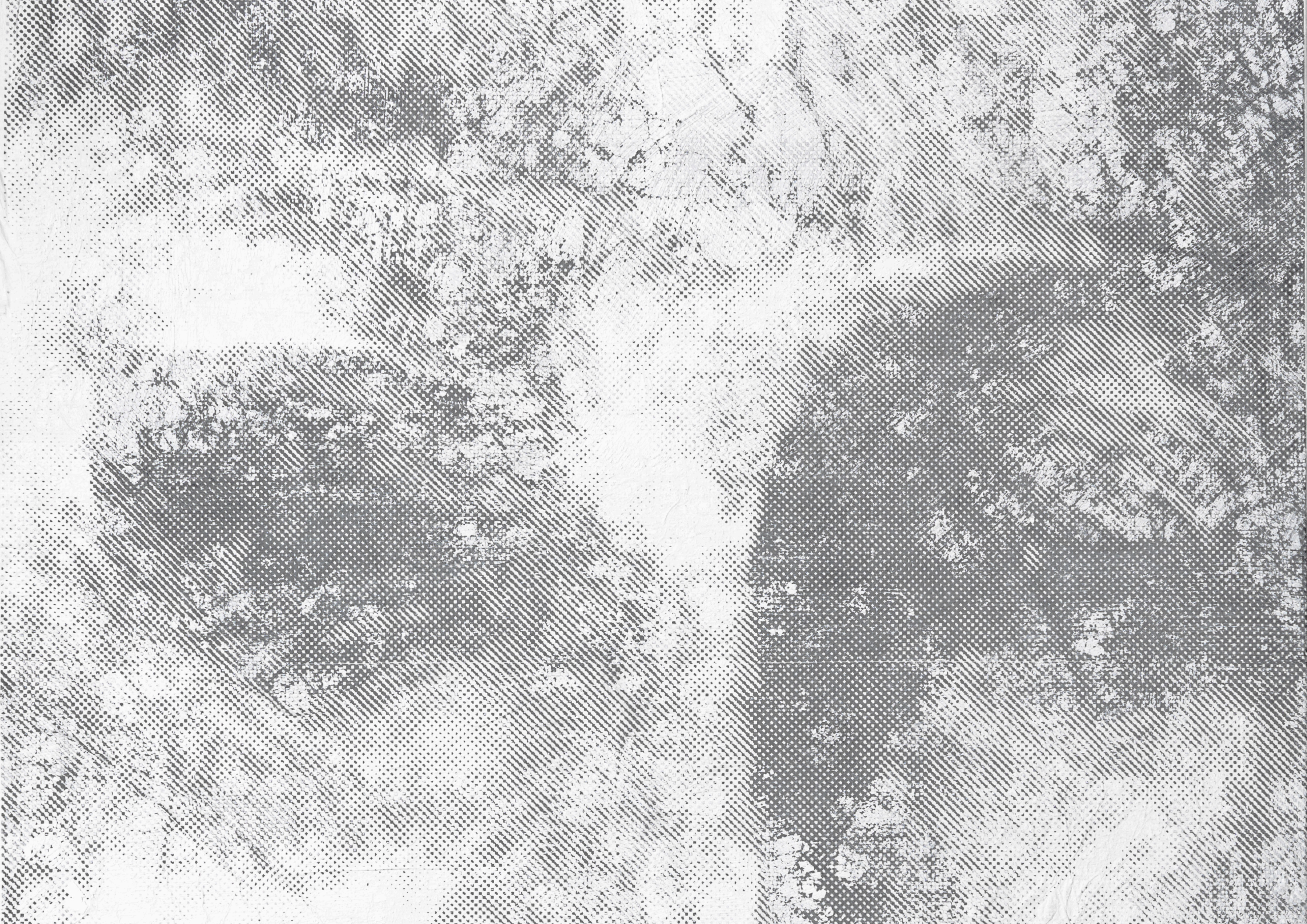
ANTÔNIA PERRONE

POMAR DOS OSSOS



Até aquele momento, vínhamos ao mundo para permanecer, unindo-nos aos que já tinham vindo. Os corpos à nossa volta se moviam conosco, levávamos uns aos outros para todos os lados; conhecíamos a existência como um fato contínuo e tudo era presente. Até aquele dia, tudo brotava, florescia e frutificava; uma página virava em outra seguinte; uma noite vinha após o dia e um dia, após a noite; dormíamos e acordávamos; um movimento guardava o próximo e sempre podíamos dar um passo, mais outro, mais outro. Até aquela hora, tudo era mais quente: havia sons cardíacos, cheiro de fermentação, beijos de boa-noite, distâncias que abatíamos por telefone, festas de aniversário. Até aquele minuto, os outros minutos eram efemérides com um gosto macio de pão, eram como palpitações do coração de um beija-flor, e gostavámos de observar as coisas nascerem, como as pequenas ovas de inseto que olhávamos grudadas nos vidros até eclodirem, sabendo que, no fundo, não estávamos sozinhos. Até aquele segundo, respirávamos.

Porém, naquele átimo, chegou algo que não conhecíamos. Veio em um intervalo mínimo e incalculável, aquele tempo entre o pulo na piscina e já estar debaixo d'água; nasceu daquela coisa pequena, polida e inerme, do mesmo ovo de tempo de que tínhamos nascido todos nós. Nas primeiras horas, cheirava a grama recém-cortada; depois, virou um odor metálico de éster, urina e desinfetante, que compactava o ar e nos tolhia o fôlego. Olhávamos atônitos seus vasos abertos e irregulares e suas manchas roxas acidentadas; quisemos passar as mãos sobre sua pele rugosa e maquiada e tencionamos sentir o sopro que saía das suas narinas, mas ela não respirava. Quando a morte nasceu, não soubemos o que fazer.

Tinha rebentado da casca do ovo, sequer imaginávamos de que jeito, porque não se mexia; e veio molhada, pingando uma untura fedida cor de mel. Era uma coisa informe que não tinha rosto, nem olhos, nem nariz, nem boca; e tinha todos os rostos, olhos, narizes e bocas do mundo ao mesmo tempo; tinha mil braços, pernas, mãos e pés e nenhum braço nem perna nem mão nem pé. Era escura e semitransparente, como um tubo dentro de um tubo, dentro de incontáveis outros tubos pretos, membranosos e translúcidos, que se esticavam sobre a terra; parecia com nada e com todas as outras coisas que conhecíamos antes, como um espelho sem fim em que nos víamos mil vezes refletidos, com a certeza e a incredulidade de sermos nós ali.

A morte nasceu morta e não sabíamos o que fazer. Nada nunca tinha morrido e a ideia do fim era tão abstrata quanto a do vazio, uma dessas imaginações absurdas que só se alcança no ápice de uma aventura matemática. Aliás, nada tinha tido fim, nem mesmo os números; se algo descontinuava, não era como se findasse, na verdade, um algarismo só virava outro, mas nunca deixava de existir – o próprio zero era algo em si, não era um fim, porque existia. Havia apenas criação, existência e permanência, tudo continuava simplesmente existindo, vivíamos e respirávamos e comíamos e dormíamos e fazíamos toda sorte de atividades. Assim, quando surgiu o fim, a morte, aquela natimorta, aquela natimorte, não soubemos o que fazer.

Passamos muito tempo parados ali, diante da casca eclodida e da espuma cinzenta, fitando-a sem nos atrever a trocar uma palavra nem a olhar uns para os outros, retendo a cumplicidade de termos sido testemunhas daquele instante. Às vezes fechávamos brevemente os olhos, mas a imagem perdurava, parecia ter dado fim a todas as outras imagens da retina, pois tornávamos a abri-los e estava tudo igual – não mexia, não respirava, não nada. O tempo escoava como numa velha ampulheta – tempo extenso e fugaz, tal qual uma oração –, e foi-se um monte de areia até que nos movêssemos novamente. Ainda sem dizer palavra, começamos a nos arrastar muito lentamente em círculo, girando em sentido horário e anti-horário, fazendo a ronda da morte para olhá-la de todos os ângulos, para vê-la em todas as suas mortes, perimetrando a borda do abismo. Encontramo-nos em alguns pontos desse relógio vivo e passamos a cumprimentar uns aos outros, dando longos abraços e apertos de mão, em que se dizia pouco ou nada, alguns gestos com a cabeça e só; embora não entendêssemos muito bem por que, isso restituía um pouco nosso calor, talvez porque nossos olhos escorressem, nosso corpo desbotasse, nosso medo deslizasse para aquela morte, e lembrássemos da nossa existência e pensássemos que nasceriam outros fins e, na verdade, imaginássemos nosso próprio

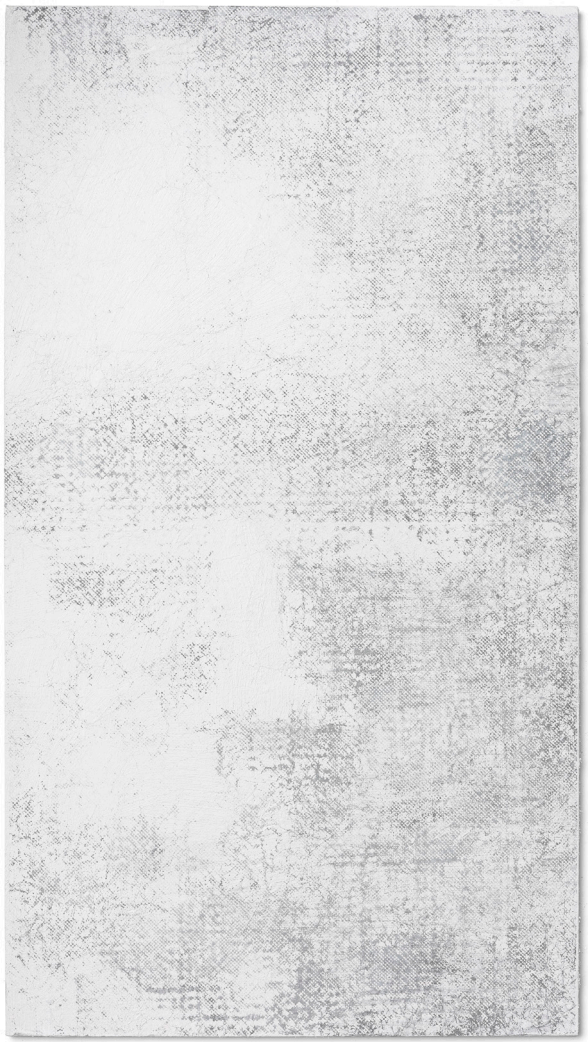
fim, e aí lembrássemos da nossa existência de novo, para de novo temê-la, de novo temer seu fim, e assim fosse, e assim era, naquele relógio perpetuamente correndo para frente e para trás.

Mas o pêndulo parou e badalou anunciando o encerramento da ronda. Cessamos nosso giro em torno da defunta exposta, estacamos, respiramos, tornamos a encarar a morte recém-nascida. Já não havia espuma, o batom descolorara e subtraíram-se tubos; percebemos que a morte morria, que não só nascera morta como nascera morrendo, consumindo-se a si própria, expirando a existência que nunca teve. Respirávamos e olhávamos aquela extinção de incêndio espontâneo: a morte tinha órgãos liquefeitos e peles beliscadas, unhas que caíam por toda parte e inchaços assimétricos nas gengivas e nas pálpebras; a morte digeria a si mesma, se comia e se aniquilava, pedaço por pedaço. E nós, ainda não sabendo o que fazer, nenhum de nós arriscando mais dar nem um passo nem outro, continuávamos ali, atarantados, vendo a morte morrer.

O tempo passava e a morte ia secando, definhava como um pedaço de água-viva na areia da praia e era estranho porque nada até então tinha secado no frio; ia passando do roxo ao vermelho ao verde-amarelento; era um corpo gelatinoso e rígido que borbulhava, e a cada bolha estourada, elidia uma fatia da morte; assim eram infinitos espelhos menos um, menos dois, menos três etc. A morte morria e a vida não sabia o que fazer, mas sabíamos que testemunhávamos o fim do primeiro fim e o começo dos próximos fins, e pressentíamos agora o nascimento da morte como a morte de outros nascimentos.

Os fiapos do tempo escoaram mais um tanto, até serem tesourados pelas fiandeiras; a seiva se desensopou e da morte não ficaram cores nem babugens nem pó de arroz nem reflexos nem algarismos. Entre as duas cascas do ovo partido, sobraram apenas ossos. Deparamos com aquele caroço da existência: um núcleo seco, duro e cálcico, o âmago da fruta que sequer existiu. E soubemos o que fazer.

Caminhamos até o centro da roda, rente ao ovo, e começamos a abrir um grande sulco na terra, furando-a com mãos de concha. Cavamos um buraco medido, depositamos os ossos, e devolvemos a terra por cima, fechando a cova. Enterramos os ossos, a parte mais antiga e mais futura que a morte tinha a oferecer, e passamos a cultivá-los. Dali em diante, morreram mais nascimentos e nasceram mais mortes, findaram-se começos e começaram fins; morremos e nascemos e remanescem os ossos, que plantamos em linhas contínuas como os ponteiros de um relógio. Ali repousa o passado do que não foi, sonha o passado do que ainda não veio a ser e germina o passado que será, sob a terra do pomar dos ossos.



IMAGENS
da série **A última valsa**
capa, 5

da série **Juízo**
1, 2

da série **Nós que aqui estamos**
3, 4, 6, 8, 9, 13, 14, 15

da série **A morte e a donzela**
7

TEXTO
conto **Pomar dos ossos**
10, 11, 12

Pomar dos ossos é um trabalho desenvolvido entre 2020 e 2021, composto por 39 obras visuais (serigrafias e monotipias em papel arroz e gesso sobre compensado) e 3 obras literárias (contos).